

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANCIONEIRO POPULAR DO BAI-

XO-ALENTEJO

ORGANISADO POR

DIAS NUNES

(Continuação)

CDLXLV

Tu mandaste-me p'rá quinta,
P'ra baixo das laranjeiras...
Na quinta è que eu me quero,
P'ra brincar co'as quintaneiras.

CDLXLVI

Toda a moça que quizer
Gozar de nobre futuro,
Fóra de horas não vá
Fallar á sombra do muro.

CDLXLVII

Tenho pena, vivo triste,
Já lá vae minha alegria!
Ai de mim, que me não lembra
Se fui alegre algum dia!...

CDLXLVIII

Toma lá, dá cá,
Duas coisas são:
Uma é querer bem;
Outra é ter feição.

CDLXLIX

Tenho corrido mil terras,
Mil terras tenho corrido;
Teem-me ladrado cães
Mas nenhum me tem mordido.

D

Tenho corrido mil terras
Da maior parte da Beira;
Não achei maior amigo
Que o dinheiro n'algibeira.

DI

Tenho pesar em mim mesmo
Não ser maroto ou velhaco;
Mas tenho palavra d'homem:
Ao que prometto não falto.

DII

Trazes lenço encarnado,
Trazes guerra em teu peito.
Não se me dá ir á guerra

Sendo á guerra a teu respeito.

DIII

Se teu peito idolatrar
Direi mil vezes, sem fim:
—Foi um anjo que descêtu
Dos ceus á terra por mim!

DIV

Se mo vires não te assustes,
Se te assustares não temas,
Que eu sou aquella infeliz
Que por ti padço penas.

DVI

Se vires, não te admiro
Meu olhar continuado:
Não crimines os meus olhos:
Culpa teu rosto engraçado.

DVII

Se eu, por estrellas, pedesse
Mandar cartas a meu bem,
Eu seria mais ditosa,
Mais feliz do que ninguém!

DVIII

Se os teus dedos fossem fitas,
Fazia azelhas e laços
P'ra prender teu coração
Na cadeia dos meus braços;

DIX

Se eu conhecer minha morte
Hei-de dar 'ma carcachada,
Em considerar que já tenho
A minha vida acabada.

DX

San Bento d'Aldeia Nova,
Mandae accender o facho!
Que eu perdi o meu amor
E ás escuras não o acho.

DXI

Se fores a Elvas
Sóbe acima ao forte,
Verás as bandeiras
Viradas ao norte.

DXII

Se fores a Elvas
Vae á Piedade;
E' a melhor coisa
Que tem a cidade.

DXIII

Se eu tivesse a liberdade

Que o sol e a lua têm,
Entrava na tua casa
Sem licença de ninguém.

DXIV

Não ha nada que tu mais goste,
Que é de viver ao desdem
Mostrar agradós a todos,
Não q'rendo bem a ninguém.

DXV

Os teus olhos são dois livros
Onde amor lições me deu;
Eu sou mostra d'esses livros,
Ninguém te ama como eu.

DXVI

O' alto jasmim formoso,
O' bella liria formosa
Consentes que eu dê um beijo
N'essa face cõr de rosa?

DXVII

O que quer dizer casar?
Eu contigo casarei.
Sendo tu 'ma linda joyen,
Contigo sympathisei.

DXVIII

O amor que eu puz em tí,
Mais valia.. mais valia
Pol-o á beira do rio,
Que as ondas o levaria.

DXIX

Os pombinhos, quando nascêm,
Logo a mãe lhes dá beijinhos.
O' amor, façamos nós
Como fazem os pombinhos...

DXX

O homem nunca devia
Co'a existencia acabar,
P'ra nunca se fazer velho,
Para sempre namorar.

DXXI

O meu amor é ourives,
Mora na rua do Ouro.
Inda não falei com elle,
Já me deu um anel d'ouro.

DXXII

O cupido como amante,
Aprendeu a cravador,
Para cravar diamantes.
No peito do meu amor.

DXXIII

O meu lindo amor
Diz que não passeia...
Tem 'ma estrada feita
De roda da Aldela!

DXXIV

O' minha pombinha branca,
O' minha branca pombinha,
Salpicadinha d'amores,
D'amoros salpicadiaha.

DXXV

—Oh minha pombinha branca!
—Oh meu pombo rolador!
—Em eu me indo d'esta terra,
Quem ha-de ser teu amor!...

DXXVI

O' meu amor, qual dos dois
Andava mais embaido?
Para agora me dizeres
Que não tinhas tal sentido!

DXXVII

O' meu amor, meu amor,
Contra mim não arnes guerra,
Que eu adoro a Deus nos cous
E esse teu rosto na terra.

DXXVIII

Puz-me a chorar saudades
Ao pé d'uma fonte fria,
Mais choravam os meus olhos,
Que a propria fonte corrial

DXXIX

Amar o saber amar
São dois pontos delicados;
Os que amam são sem conta,
Os que sabem são contados.

DXXX

Agua clara não se enturva
Tendo correntos ao pé,
Amor velho não se muda,
Sempre torna ao que seu é.

DXXXI

Agoa clara não se enturva
Sem haver quem n'ella banhe,
Amor velho não se muda
Sem haver quem n'o apanhe.

DXXXII

A palavra que t'eu deil
Aquella que tu me deste?
A minha ainda aqui está;
A tua que lhe fizeste?

DXXXIII

A perdiz canta na relva,
O rouxinol no loureiro;
E os padres cantam no côro
Para ganharem dinheiro.

DXXXIV

A esperanza é um orvalho,
Meigo presente do ceu;
Só no mundo é desgraçado
Quem já de todo a perdeu.

DXXXV

Não te faças tão isental
Considera que és mulher,
Que eu posso-te armar um laço...
E cahes como outra qualquer.

DXXXVI

Nasce a aurora, que alegria
E eu julgo-me em trevas pôsto...

Para mim só rompe o dia
Quando contemplo o teu rôsto.

DXXXVII

Não me atire com pedrinhas
Aos fôlhos da minha sáia.
Minha mãe está-me creando
P'ra um marujo da praia.

DXXXVIII

Nás sei que quer a desgraça
Que atrás de mim corre tanto!
Hei-de parar e dizer-lhe
Que de vê-la não me espanto.

DXXXIX

Morrer e resuscitar,
Só Deus é que teve a dita.
Tu para mim já morreste:
Quem morre não resuscita!

DXL

Meu peito não é
Travessa de doce;
E' o que aqui está,
E o mais acabou-se.

DXLI

Muito se soffre co'a morte!
Na ausencia muito se sente!
Se a morte é ausencia eterna,
Ausencia é morte aparente.

DXLII

Mandei comprar á botica
Remedio p'ra uma ausencia;
Respondeu-me o boticario,
Que não se vende a paciencia.

DXLIII

Mortal, se queres saber
A distincção que fez Deus,
Vac á carneira e conhece
Quaes são os ossos dos teus.

DXLIV

Por ora não tenho amor,
Mas ao desprezo não estou;
Antes tenho abandonado
Quem em tempos m'estimou.

DXLV

Peço a Deus (a Virgem queiral)
Que eu seja a mais pura rosa;
Que eu amando sempre diga:
—Sou firme mas arreceosa.

DXLVI

Bem me não enganei eu
Comtigo liria formosa!
Cuidando que era sósinho,
São dois cravos a uma rosa...

DXLVII

O' meu amor, quando iremos
A' egreja dar a mão?
P'ra tapar a bocca ao mundo,
Descançar meu coração!

DXLVIII

O tempo da mocidade,

Com que o comparas amor?
—Ao tempo da primavera
Quando ha muita felor.

DXLIX

O tempo da mocidade
E' um tempo bem bonito!
Assim elle não houvesse
Tanto enredo, tanto dito...

DL

Oh agoa que vaes correndo
Por baixo da sachristia,
Oh terra que estás gastando
Um espelho onde me eu via!

DLI

Oh infeliz mocidade!
Oh desgraçado viver!
Quem ama não considera
O quo pôde acontecer.

DLII

O encarnado se queixa
Que não tem bonita côr:
Olha como elle brilha
No rosto do meu amor!

DLIII

O amor que eu puz em ti,
Mais valia pô-lo n'agoa:
A agoa lava, não suja;
Você suja mas não lava.

DLIV

O mundo falla de todos,
Ou tenha razão ou não.
Muito tolo é quem dá
Ao mundo satisfação!

DLV

O sette-estrello vae alto:
Levanta-te amor, vem vêr.
Não andes por casa alheia,
São horas de arreceolher.

DLVI

Dá-me a tua mão de firme,
Dou-te a minha de leal:
São cartas que ficam feitas
Se algum de nós se ausentar.

DLVII

Dá-me da mão direita a palma,
Que te quero ler a sina;
Quero ver se a tua sorte
Com esta minha combina.

DLVIII

Da areia faço cal,
Dos peixes o taboado;
Da agoa faço ladrilho...
Tendes o mar ladrilhado!

DLIX

Dormindo estava sonhando
Que te tinha em meus braços;
Acordei, achei-me só...

Malo hajam sonhos falsos!

DLX.

Lisbôa por ser Lisbôa,
Com braços de mar ao pé,
Não é tão grande cidade
Como Val-de-Vargo è.

DLXI

Cantem moças, balhem moças,
Divirtam os seus amores;
'Stamos agora no tempo
Da primavera das flores.

DLXII

Coração asseteado,
Diz-me quem te assetteou?
Asseteado se veja
Quem se foi e me deixou!...

DLXIII

Chora, chora desgraçada,
Que o teu mal já tem raiz!
Não digas que eu sou culpado
Da tua sorte infeliz.

DLXIV

Fui dispôr salsa no rio,
Hortelan d'aquella banda.
Não se pódo ter amores
Da fórma em que o mundo anda.

DLXV

Fui ao jardim buscar flores.
Achei a porta fechada;
Encontrei o meu amor,
Que era a flôr que eu desejava.

DLXVI

Graças a Deus que já chove
Pingas d'agoa no jardim!
Graças a Deus que já vejo
Meu amor ao pé de mim

DLXVII

Eu subi áquelle oiteiro,
Ouvi 'ma voz, escutei:
Era a minha mocidade,
Que tão mal a empreguei!

DLXVIII

E' bella a rosa no prado,
Inda mais a linda flôr:
Inda mais do meu agrado
O rosto do meu amor.

DLXIX

E' bella a rosa do prado.
Inda mais a do jardim;
Inda mais do meu agrado
Tuas faces de setim.

DLXX

Eu como rosa me offereço
P'ra te amar, lindo botão;
Se vês que eu que te mereço,
Entra no meu coração.

DLXXI

Eu como cravo me offereço
Para te amar, linda rosa;
Se vês que eu que te mereço,
Entra no meu peito e gôsa.

DLXXII

Eganou-te o coração,
Que eu nunca te amei devêras;
Eu nunca fiz apprehensão
Na figura que tu eras.

DLXXIII

E's tão linda! Mas não tens
Palavras d'amor constante;
E's só firme enquanto vês
As pessoas, no flagrante.

DLXXIV

E' tão lindo o teu semblante
Que o meu enche d'alegria.
Se o meu gosto fôr amante,
Vens p'rá minha companhia.

DLXXV

Eu hei-de morrer d'um tiro
A' porta d'uma querida,
Para quem passar dizer:
—Por amar perdeu a vida!

DLXXVI

Eu hei-de morrer d'um tiro
A' porta d'uma cigana,
Para quem passar dizer:
—Ah! que morto tão tyranna!

DLXXVII

Eu já vi Lisbôa arder,
As pedras a estalar,
E vi as ondas do mar
Fóra do seu natural.

DLXXVIII

Eu hei-de ir, hei-de ir,
Não hei-de mandar,
Que eu não quero coisas
Armadas no ar.

DLXXIX

Eu não sei que fiz ao sól,
Que não vem á minha rua!
Hei-de-me vestir de branco,
Que de branco anda a lua.

DLXXX

Saudades que eu padeço,
E' o meu tyranno mal!
E' um bom por quem suspiro,
Não ha outro a elle igual.

DLXXXI

Saudades não é pezo:
Dá lá muitas a meu bem,
Que inda hoje o não vi,
Nem ánanhá o verei.

DLXXXII

Se eu soubesse que cantando
Que te havia convencer,
Cantava uma noite inteira
Até ao amanhecer.

(Continúa)

